



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE A DISTÂNCIA**

JANIERYS LOURENÇO LINS ALBUQUERQUE

FAMÍLIA E ESCOLA: O olhar dos pais na relação escolar

**João Pessoa - PB
2013**

JANIERYS LOURENÇO LINS ALBUQUERQUE

FAMÍLIA E ESCOLA: O olhar dos pais na relação escolar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Karla Lucena de Souza

**João Pessoa – PB
2013**

A345f Albuquerque, Janierys Lourenço Lins.

Família e escola: o olhar dos pais na relação escolar / Janierys Lourenço Lins Albuquerque. – João Pessoa: UFPB, 2013.
62f.

Orientador: Karla Lucena de Souza
Monografia (graduação em Pedagogia – modalidade a distância)
– UFPB/CE

1. Família. 2. Escola. 3. Aprendizagem. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.064 (043.2)

JANIERYS LOURENÇO LINS ALBUQUERQUE

FAMÍLIA E ESCOLA: O olhar dos pais na relação escolar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

APROVADA EM: ____/12/2013

BANCA EXAMINADORA

Prof.
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof. – 1º membro
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof. – 2º membro
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que acreditam que as bases do ser humano são a família e a escola, e que só com essas bases bem estruturadas é que podemos tornar o mundo um lugar melhor.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus** e a seu filho **Jesus Cristo**, minha inspiração, maior educador de todos os tempos. Agradeço por terem me dado forças para prosseguir nesta caminhada, e quando pensei em desistir sempre Eles me deram forças para continuar.

Ao meu filho, **Marcelo Lourenço** e ao meu marido **Marcelino Silvano**, pessoas muito importantes na minha vida, obrigada pela compreensão que tiveram na minha ausência e pela paciência que tiveram por muitas vezes em mudar suas rotinas para poder se adequar a minha rotina de estudos.

À minha mãe, **Rosália Lins**, e meu pai, **José Lourenço**, bases da minha vida, pessoas que me ajudaram imensamente, me dando apoio e incentivando no que puderam para que pudesse prosseguir nos meus estudos com tranquilidade.

A minhas irmãs, **Janicleya** e **Julyene Albuquerque**, pelo companheirismo, admiração e apoio no que puderam oferecer.

A minha sogra **Silvana** e ao meu sogro **Mário**, pessoas que sempre pude contar quando precisei que qualquer tipo de ajuda.

À minha orientadora, **Karla Lucena**, pessoa que aprendi a admirar e que sempre se prontificou a me ajudar, colaborou imensamente no desenvolvimento da minha pesquisa e foi fundamental para a conclusão desse trabalho.

A minha tutora presencial **Nazaré Ramos**, foi mais do que uma simples tutora, sempre deixou claro que tinha cursistas como filhos e ela sabe que nosso carinho por ela é de mãe.

A todos os meus **colegas do polo de Lucena**, aos que passaram e não concluíram e principalmente aos que ficaram, já que juntos chegamos até aqui e sei que muitos vão ficar para além dessa fase da minha vida.

A todos os **professores e orientadores do Curso de Pedagogia Virtual** que tive no decorrer desses quatro anos, sem eles este trabalho não poderia se realizar, já que o trabalho virtual é árduo, complexo e requer muita ajuda por parte de todos os envolvidos.

Aos **colegas dos outros polos**, pessoas que conheci e que troquei mensagens, fazendo dessa forma uma interação constante e conhecendo pessoas e cidades diferentes, nem que seja virtualmente.

Por fim, a todos os **participantes da pesquisa**, os que contribuíram direta ou indiretamente, sem eles e suas contribuições à realização do trabalho seria impossível.

“O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos.”

Rubem Alves

RESUMO

A presente pesquisa teve como objeto verificar como se dá a relação família-escola dentro do espaço escolar e qual o impacto no desenvolvimento infantil tendo como foco o entendimento estabelecido pelos pais no município de Santa Rita- PB, especificamente na Creche Escola Rachel Pedrosa, na comunidade de Lerolândia. A ideia principal do trabalho está baseada na análise da influência da participação dos pais na aprendizagem das crianças. A pesquisa foi realizada com 25 pais da Creche Escola Rachel Pedrosa, situada em Santa Rita – PB, qualitativa de cunho exploratório, observada a partir da fala dos pais. Estabeleceu-se a importância do estreitamento da relação entre os pais e os professores. Concluindo pelo ato da importância da família na aprendizagem como uma realidade sendo incentivada cada vez mais pelas escolas como forma de atingir o sucesso escolar e dessa maneira contribuir para o futuro da sociedade.

Palavras-chave: Família. Escola. Pais. Aprendizagem.

ABSTRACT

The present research object check how is the family-school within the school environment and the impact on child development with a focus on understanding established by parents in the municipality of Santa Rita-PB, specifically in relation Pedrosa Rachel Nursery School (Creche Escola Rachel Pedrosa) in Lerolândia community. The main idea of the work is based on the analysis of the influence of parental involvement in children's learning. The survey was conducted with 25 parents of Rachel Pedrosa Nursery School (Creche Escola Rachel Pedrosa), located in Santa Rita - PB, qualitative exploratory nature, observed from speaking parents. Established the importance of strengthening the relationship between the parents the teachers. Completing the act of the importance of family learning as a reality increasingly being encouraged by schools as a way to reach the school and thus contribute to the future success of the company.

Keywords: Family. School. Parents. Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
2 A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL.....	14
2.1 O novo conceito de família na sociedade	19
3 O COMEÇO DA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA	22
3.1 O direito e deveres das famílias no contexto escolar.....	24
3.2 A importância da relação família-escola para aprendizagem das crianças.....	28
3.3 Relação professor-família	31
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	34
4.1 Caracterização do estudo.....	34
4.2 Sujeitos da pesquisa.....	35
4.3 Instrumento da pesquisa.....	37
4.4 Procedimento para coleta de dados.....	37
5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICE A – Termo de Anuência da Instituição.....	56
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	57
APÊNDICE C – Instrumento de Coleta de Dados	59

INTRODUÇÃO

O conceito de família e de escola vem evoluindo de maneira muito significativa, depois de mudanças que aconteceram com a revolução industrial, revolução feminista e com a inserção da mulher no mercado de trabalho, trazendo tanta para as famílias como para as escolas novos sentidos sobre a educação das crianças.

A família tradicionalmente vem sendo exaltada pelo sucesso referente ao aprendizado da criança e, por vezes, culpada por seu fracasso escolar. Muitos estudos apontam que a maioria das vezes, por trás de um bom aluno estar uma família bem estruturada, que valoriza e que apoia de forma contínua e sistemática a educação dos filhos, investindo, incentivando, dando o apoio necessário para que a criança sinta-se amparada a seguir em frente e alcançar o resultado esperado com êxito. Nesse caso uma aprendizagem satisfatória e significativa, principalmente na educação infantil, tendo em vista que a base cultural e social da criança é construída por ambas as partes, família e escola, desde cedo.

Estimular a relação família-escola pode tornar a educação algo prazeroso para ambos, é interessante a escola criar possibilidades e incentivar aos pais a conhecê-la e a aproximar-se da vida educacional do seu filho, com projetos que contribuam para essa relação de uma forma que a família se sinta envolvida na aprendizagem das crianças.

Para isso é fundamental um conhecimento prévio da realidade da criança, “Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração às condições em que eles vêm existindo” (FREIRE, 1996, p. 64), como se configuram a sua família e a comunidade que essa família encontrar-se inserida.

Uma gestão democrática é fundamental para ajudar a subsidiar esse papel da escola, já que através dela todos os participantes do grupo escolar podem contribuir de alguma maneira na construção de um ambiente que favoreça a aprendizagem e que possibilite que a criança desenvolva também sua cidadania.

Cabe aos pais ou responsáveis pelo cuidado diário da criança ter interesse e serem incentivadores da vida escolar. Independente da condição social e cultura que essa família esteja inserida é papel dela também ajudar a fomentar na criança a

importância por buscar novos conhecimentos e, da maneira que lhe for possível, contribuir com essa educação oferecida na escola, sabendo que esse incentivo por parte dos pais “contribui para a melhoria dos ambientes familiares” (BHERING & SIRAJ-BLATCHFORD, 1999, p. 192).

Analisando as possibilidades de cada uma das partes “a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas...” (DESSEN & POLONIA, 2007, p.22). Sendo assim a criança deve ter da escola e da família apoio e amparo ao mesmo tempo, constituindo essas instituições como indispensáveis para o seu desenvolvimento intelectual, social, físico e emocional.

A relação família-escola deve se dá de maneira intensa na educação infantil, tendo em vista que nessa fase da vida a criança é um ser em processo de construção e que sofre influência de tudo que a rodeia. É fundamental que a escola mantenha um estreitamento com os pais para que juntos possam tomar decisões importantes sobre a educação dessa criança e para estimular e programar a participação dos pais de modo a fortalecer uma nova cultura de participação.

O desenvolvimento de atividades que contemplem a relação família-escola deve ser estabelecido no projeto político pedagógico da escola segundo Ben-Fadel (1998) citado por Dessen e Polônia (2005), essas atividades podem ser bem diferenciadas, indo além das reuniões de pais e mestres e do auxílio nas atividades de casa. O espaço escolar na educação infantil necessita ser um ambiente acolhedor à criança, para que de alguma forma a lembre o ambiente do seu lar, já que nessa fase da educação infantil o cuidar e o educar são contemplados.

A presente pesquisa gira em torno de responder a questões como: Em que medida vem sendo estabelecida a relação família-escola dentro da Creche Rachel Pedrosa, comunidade de Lerolândia, distrito de Santa Rita-PB e qual o impacto desse papel para os pais?

Neste contexto é justificada pela necessidade de conhecer como a relação família-escola contribui para o desenvolvimento da aprendizagem da criança na educação infantil, já que essa é a nossa base educacional, sendo obrigatória e indispensável na vida de qualquer criança tendo a visão dos pais como foco principal.

A partir do momento que se estabelece a função da família de uma maneira bastante clara é possível identificar como acontece a contribuição dos pais no

desenvolvimento da aprendizagem das crianças da educação infantil principalmente, já que essas são mais suscetíveis a influências externas.

Sendo assim, objetivou-se verificar como se dá a relação família-escola dentro do espaço escolar e qual o impacto no desenvolvimento infantil tendo como foco o entendimento estabelecido pelos pais no município de Santa Rita- PB, especificamente na Creche Escola Rachel Pedrosa, na comunidade de Lerolândia. Para tanto se necessitou trazer como suporte os objetivos específicos voltados para resgatar historicamente a Educação Infantil; identificar, a partir da fala dos pais dos alunos, qual relação é estabelecida por eles com a escola; analisar a influência dos pais na aprendizagem das crianças; fundamentar a importância da relação família-escola.

Para concretizar o feito optou-se por trabalhar com teóricos como: Freire, Dessen, Polonia, Bhering, Siraj-Blatchford, Macedo, Rocha. Além do trabalho com esses teóricos também houve o uso de autores e teóricos renomados e que trabalham com esse enfoque da família-escola como Piaget, Tiba, Cury, Rodrigues, Nogueira, Leotte, Oliveira & Oliveira, dentre vários outros que serão devidamente citados.

A primeira parte da pesquisa é bibliográfica, tratando no seu primeiro capítulo da história da educação no Brasil, focando principalmente o começo da educação infantil, como ela aconteceu e como se desenvolveu no decorrer das décadas. Além da história da educação no Brasil esse capítulo trata das novas configurações familiares que vem se estabelecendo e do começo da relação família-escola.

O segundo capítulo trata das leis que estabelecem a relação família-escola no Brasil, o que diz a legislação nacional sobre o relacionamento e o envolvimento dos pais com o ambiente escolar e com a educação dos seus filhos. Além disso, fala sobre a importância dos pais no envolvimento educação escolar das crianças, como esse envolvimento traz benefícios para aprendizagem das dessas, além do olhar sobre como se dá a relação professor família.

A metodologia utilizada para a realização do presente trabalho foi uma pesquisa com embasamento bibliográfico, de campo, exploratória de cunho qualitativo, que teve como foco principal a relação família escola estabelecida na Creche Escola Rachel Pedrosa, onde foi aplicado aos pais dos alunos um questionário semiaberto, tendo em vista um maior esclarecimento de como acontece essa relação através da fala desses pais entrevistados.

Ao final da pesquisa, ao analisar os dados abriu-se possibilidades para que dessa maneira possa se responder a problemática do estudo e com isso desenvolver um olhar mais enfático sobre o assunto que é de suma importância para a sociedade, já que quando há uma relação sadia entre essas duas bases tanto a escola como a família ganham quando se trata de qualidade de vida atual e futura, também ganha a comunidade em geral, pois com o estreitamento dessa relação se formam cidadãos mais dignos, já que o trabalho acontece dentro e fora do espaço escolar.

2 A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

A história da educação brasileira teve um considerado início por volta de 1549 quando os Jesuítas chegaram, trazidos pelos colonizadores que usavam desta educação oferecida como uma forma de dominação sobre os povos que aqui residiam naquela época, sendo essa educação totalmente voltada ao ensino religioso, a catequizar e atraía principalmente as crianças, como cita Bello (2001). Antes desse momento o que era visto como educação no Brasil era o que os índios transmitiam de conhecimentos sobre suas atividades, sua cultura e sobrevivência a seus filhos.

Quando os jesuítas chegaram por aqui eles não trouxeram somente a moral, os costumes e a religiosidade europeia; trouxeram também os métodos pedagógicos. Todas as escolas jesuítas eram regulamentadas por um documento, escrito por Inácio de Loiola, o *Ratio Studiorum*. Eles não se limitaram ao ensino das primeiras letras; além do curso elementar mantinham cursos de Letras e Filosofia, considerados secundários, e o curso de Teologia e Ciências Sagradas, de nível superior, para formação de sacerdotes. No curso de Letras estudava-se Gramática Latina, Humanidades e Retórica; e no curso de Filosofia estudava-se Lógica, Metafísica, Moral, Matemática e Ciências Físicas e Naturais. (BELLO, 2001, p.3).

Ainda Bello (2001) enfatiza que os Jesuítas dominaram qualquer forma de educação oferecida no Brasil até meados do Século XVIII, tendo sempre como base o interesse religioso. Esse modelo de educação veio ao fim quando o Marques de Pombal decretou que os mesmos fossem expulsos, período esse chamado de Era Pombalina, que tinha como interesse maior formar cidadãos do Estado e não mais da Igreja.

Começou assim o desenvolvimento das instituições de ensino, atribuindo ao professor o papel de único habilitado em passar conhecimento. Antes dessa época qualquer pessoa que tivesse algum grau de instrução era considerada capaz de ensinar, ou seja, professor, além da educação que as crianças recebiam no seio da família e que também influenciavam na sua formação.

Observa-se nos relatos de Paschoal e Machado (2009) que mudanças de cunho social, econômica e políticas acontecidas durante os séculos XVIII e XIX influenciaram bastante nas formas de oferecer ensino às crianças daquela época,

onde o conceito de transferir para a escola a responsabilidade de cuidar das crianças foi elaborado no período da industrialização que ocorreu em todo o mundo, afetando também a educação brasileira.

Nos primeiros textos sobre instituições de educação infantil, na transição do Império para a República, estas foram vistas como um meio de educar as crianças e as mães pobres. No Rio de Janeiro do início do século XX, o Instituto de Proteção e Assistência à Infância e o Patronato de Menores, além de creche, ofereciam cursos para as mães. Para os pobres, a creche seria um meio para promover a organização familiar, e por isso sempre se colocou como complementar a ela. (KUHLMANN JR, 2009, p07 e p12).

A educação infantil durante vários séculos era de responsabilidade dos pais ou responsáveis e teve um efetivo olhar diferenciado quando as mulheres, donas de casa e mães de família, começaram, por necessidade devido ao processo de industrialização, a serem inseridas no mercado de trabalho. Dessa forma surgiram as creches com um primeiro intuito assistencialista, o cuidar era privilegiado, “a creche, portanto, era definida como uma instituição assistencialista abrigando ao cuidado das crianças de mães que trabalhavam fora de casa” (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2005, p. 12).

O nascimento da indústria moderna alterou profundamente a estrutura social vigente, modificando os hábitos e costumes das famílias. As mães operárias que não tinham com quem deixar seus filhos utilizavam o trabalho das conhecidas mães mercenárias. Essas, ao optarem pelo não trabalho nas fábricas, vendiam seus serviços para abrigarem e cuidarem dos filhos de outras mulheres. (MACHADO & PASCHOAL, 2009, p.80).

Para Rodrigues (2009) o educar era pouco pensado, já que a observação que se tinha era que com pouca idade as crianças não estavam preparadas e nem tinha a obrigação de aprender, pois eram vistas como adultos em miniatura.

Outro fator que contribuiu para a criação das primeiras instituições de assistencialismo voltadas às crianças pequenas foi o alto índice de abandono por parte das mães solteiras, “a partir dos anos de 1860, surgiram inúmeras instituições de proteção à infância desamparada” (MARCÍLIO, 2009, p. 77). As rodas dos expostos são exemplos claros de instituições que prestavam esse assistencialismo a criança abandonada como ressalta Paschoal e Machado (2009) em seu texto:

É interessante ressaltar que, ao longo das décadas, arranjos alternativos foram se constituindo no sentido de atender às crianças das classes menos favorecidas. Uma das instituições brasileiras mais duradouras de atendimento à infância, que teve seu início antes da criação das creches, foi a roda dos expostos ou roda dos excluídos. Esse nome provém do dispositivo onde se colocavam os bebês abandonados e era composto por uma forma cilíndrica, dividida ao meio por uma divisória e fixado na janela da instituição ou das casas de misericórdia. Assim, a criança era colocada no tabuleiro pela mãe ou qualquer outra pessoa da família; essa, ao girar a roda, puxava uma corda para avisar a rodeira que um bebê acabava de ser abandonado, retirando-se do local e preservando sua identidade. (PASCHOAL & MACHADO, 2009, p. 82).

Paschoal e Machado (2009) trazem que as primeiras creches ou jardim de infância surgiram no Brasil no final do século XIX e início do século XX, tinham como caráter principal combater os altos índices de mortalidade infantil, além de prestar assistência às mães trabalhadoras carentes, já que as que pertenciam à elite da época possuíam babás, sendo que as creches embasavam seus trabalhos no combate ao abandono infantil, a assistência religiosa e cuidados com a higiene.

A educação infantil nem sempre foi bem vista, ou simplesmente era observada como uma forma pedagógica de oferecer conhecimento a crianças pequenas, sendo assim as creches e pré-escolas eram configuradas como um ambiente onde a mãe poderia guardar seus filhos, se estendendo no Brasil esse princípio por quase duas décadas no começo do século XX como enfatiza Souza (2007).

A criação de creches em indústrias, destinadas aos filhos de operários no Rio de Janeiro e São Paulo mobilizou um debate importante acerca de sua necessidade, orientado por uma controvérsia que envolveu educadores e políticos. Alguns destes defendiam a creche como um recurso necessário para atender a mão de obra feminina que se incorporava ao trabalho operário nas indústrias ou no trabalho doméstico para as elites. Outros, apoiados por teorias psicológicas, acreditavam que somente a mãe poderia cuidar de seu filho pequeno, criticando e fazendo um movimento de impedimento à abertura das creches. As creches eram por muitos, paradoxalmente defendida – como apontado acima – como um mal necessário. Essas discussões sobre assistencialismo e creche como uma necessidade e direito da mãe trabalhadora, avançavam no início do século XX. (SOUZA, 2007, p.18).

Ainda segundo Paschoal e Machado (2009) esse caráter basicamente assistencialista seguiu por várias décadas a educação infantil no Brasil até a visão efetivamente pedagógica ser descoberta como uma necessidade de todas as

crianças independentemente da sua idade, cada um em seu nível de aprendizado, propagando assim de uma maneira mais efetiva o conceito de jardim de infância que já era amplamente difundido na Europa, onde se encontrava o caráter mais pedagógico, deixando o assistencialismo de lado.

A partir da segunda metade do século XIX, o quadro das instituições destinadas à primeira infância era formado basicamente da creche e do jardim de infância ao lado de outras modalidades educacionais, que foram absorvidas como modelos em diferentes países. No Brasil, por exemplo, a creche foi criada exclusivamente com caráter assistencialista, o que diferenciou essa instituição das demais criadas nos países europeus e norte-americanos, que tinham nos seus objetivos o caráter pedagógico. (PASCHOAL & MACHADO 2009, p. 80).

Como bem diz Kuhlmann Jr (2009) a educação infantil no Brasil é desenvolvida atualmente em creches ou pré-escolas, acontecendo neste momento a iniciação da aprendizagem das crianças até 3 anos em creches e 4 e 5 anos em pré-escolas, idade essa estabelecida pela LDB depois da redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013. Dessa forma é conciliado o cuidar e o educar, já que nesta fase da vida de tenra idade as crianças precisam de uma atenção maior devido as suas condições físicas, necessitando assim de auxílio para que suas atividades cotidianas sejam desenvolvidas com segurança.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010, p.12) fica clara a definição do que é educação infantil e do que é criança:

- Educação Infantil: Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgãos competentes do sistema de ensino e submetidos a controle social. É dever de o Estado garantir a oferta de educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisitos a seleção.
- Criança: Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa,

experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (Brasil, 1998) na contemporaneidade essa visão do cuidar e educar tornou-se bem focada “essa evolução da instituição escolar está ligada a uma evolução paralela do sentimento das idades e da infância” (ARIES, 1973, p. 169), a partir de estudos mais aprofundados sobre o assunto foi-se percebendo que a criança aprendia em qualquer idade, se assim estimulada fosse.

Modificar essa concepção de educação assistencialista significa atentar para várias questões que vão muito além dos aspectos legais. Envolve, principalmente, assumir as especificidades da educação infantil e rever concepções sobre a infância, as relações entre classes sociais, as responsabilidades da sociedade e o papel do Estado diante das crianças pequenas. (RCNEI, BRASIL, 1998, p.17).

A mudança de pensamento sobre a infância trouxe consigo outro fenômeno inevitável, a visão do Estado sobre a infância. A partir desse momento gradativamente foi lançado um olhar diferenciado e com isso políticas públicas foram cada vez mais adotadas para prestar assistência às crianças.

Só a partir dos anos de 1960, houve funda mudança de modelo e de orientação na assistência à infância abandonada. Começava a fase do Estado do Bem-Estar, com a criação da FUNABEM (1964), seguida da instalação, em vários estados, das FEBEMs. Com a Constituição Cidadã de 1988, inseriam-se em nossa sociedade os Direitos Internacionais da Criança, proclamados pela ONU nos anos de 1950. Com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990 e a LOAS, o Estado assume enfim sua responsabilidade sobre a assistência a infância e a adolescência desvalidas, e estas se tornam sujeitos de Direito, pela primeira vez na História. (MARCILIO, 2009, p. 79).

Gomes (2011) enfatiza que com a concretização da educação infantil vários investimentos vêm sendo feitos ao longo dessas últimas décadas, tanto para o preparo e formação de profissionais para o trabalho com crianças pequenas, quanto investimento em construção de creches e ampliação de vagas em pré-escolas.

A inclusão das creches no principal mecanismo de financiamento da educação básica, o Fundeb, garante, muito além dos recursos, uma institucionalização com a qual as creches nunca contaram. Além disso, o contexto demográfico favorável, tal como se projeta para as

próximas décadas, demonstra que o momento é oportuno para uma ação mais incisiva da União. Seja ajudando tecnicamente os Municípios a organizarem a demanda, seja apoiando financeiramente a expansão, seja ainda atuando para que os sistemas agreguem mecanismos de indução de qualidade aos serviços já existentes. (GOMES, 2011, p.13).

A educação infantil ganhou uma ênfase maior de um ano para cá, quando a lei 12.796 de 2013 reformulou na LBD a idade de gratuidade e obrigatoriedade para crianças de 4 e 5 anos em pré-escolas, com isso o que antes era só gratuito a criança de 0 a 6 anos, hoje a vaga em uma sala de aula na educação infantil, seja creche ou pré-escola é oferecido com direito subjetivo a toda criança nessa faixa etária de 4 e 5 anos no Brasil.

2.1 O novo conceito de família na sociedade

A criança recentemente faz parte atuante nas decisões sobre a família e influenciam também nas tomadas de decisões das políticas públicas atuais, sendo que toda criança de alguma forma estar inserida em um contexto familiar, tenha essa família a configuração que tiver ou então criada em orfanatos ou abrigos, mesmos assim esse ambiente do seu convívio cotidiano é o que a criança entende por lar.

Nogueira (2005) traz que a família no decorrer do século XX, início do século XXI sofreu muitas mudanças, tomando novos desenhos para seu conceito. Com a chegada dos tempos modernos as configurações familiares vêm se modificando, hoje todas as possibilidades devem ser consideradas, crianças que moram com avós, duas mães, dois pais, tios, até pessoas que não tem vínculos consanguíneos podem ser consideradas como família. Santos (2008) deixa clara a existência do um novo conceito de família, segundo ele:

Na seara jurídica, um dos ramos que sofreram maiores modificações foi o Direito de Família que passou por reformas no tocante a reconhecimento de filhos, nas modalidades de união, no pátrio poder, nas formas de dissolução do casamento, além é claro de sofrer a mais importante de todas elas: a aplicação dos laços afetivos e suas repercussões nas relações jurídicas. Lugar antes ocupado com destaque pela Teoria Econômica onde a condição financeira era

muitas vezes mais importante do que o afeto existente entre os membros da família. (SANTOS, 2008).

Segundo a evolução da família Rocha e Macedo (2002) afirmam que:

A partir das últimas décadas do século XIX, identifica-se um novo modelo de família. A Proclamação da República, o fim do trabalho escravo, as novas práticas de sociabilidade com o início do processo de industrialização, urbanização e modernização do país constituem terreno fértil para proliferação do modelo de família nuclear burguesa, originário da Europa. Trata-se de uma família constituída por pai, mães e poucos filhos. O homem continua detentor da autoridade e "rei" do espaço público; enquanto a mulher assume uma nova posição: "rainha do lar", "rainha do espaço privado da casa". Desde cedo, a menina é educada para desempenhar seu papel de mãe e esposa, zelar pela educação dos filhos e pelos cuidados com o lar. (ROCHA & MACEDO, 2002, p.33).

Deste da antiguidade a mãe tinha um papel fundamental na criança e na educação das crianças, ela era vista como a única capaz de exercer essa função e com isso a família criou total dependência da mãe, sendo que Tiba (1996) enxerga que esse papel de dependência ainda ocorre na contemporaneidade.

O mundo mudou. Existem casais experimentando novos arranjos familiares. Mas a velha divisão de papéis insiste em se manter: o pai trabalha e por isso não precisa participar da educação das crianças, que é responsabilidade da mãe. Mesmo que a mãe trabalhe fora, ainda resiste em abandonar o que fez durante tanto tempo. (TIBA, 1996, pg. 22).

Ainda nessa mesma perspectiva Tiba (2002) conduz da seguinte forma:

A mulher saiu para o mercado de trabalho sem deixar, contudo, de ser mãe. E nem por isso os homens se tornaram mais pais. Só recentemente alguns começaram a participar mais da educação dos filhos. Pude notar que a presença de pais em minhas palestras triplicou nos últimos cinco anos. Figuras femininas compõem o restante, principalmente mães. A presença masculina é bem maior quando os filhos são pequeninos ou estão às vésperas do vestibular. Entre essas duas etapas, a presença dos pais é quase nula. (TIBA 2002, pg. 17).

Hoje a importância do pai e da mãe precisa ter o mesmo peso nas decisões tomadas dentro de casa, da mesma forma é importante que as crianças sejam consideradas e influenciadas desde cedo a opinar nas decisões que acontecem no seu ambiente familiar. Algumas crianças estão sendo preparadas para assumir um papel que vai além das noções de gêneros que eram tão enfatizadas antigamente,

elas são ou deveriam ser estimuladas a reflexão sobre o seu papel e o respeito às diferenças na sociedade. O pátrio poder é uma das questões que o Estatuto da Criança e do Adolescente aborda e que deixa claro em seu artigo 21 que nas decisões a opinião do pai e da mãe tem o mesmo peso:

O pátrio poder será exercido, em igualdade de condições, pelo pai e pela mãe, na forma do que dispuser a legislação civil, assegurado a qualquer deles o direito de, em caso de discordância, recorrer à autoridade judiciária competente para a solução da divergência. (ECA, 1990).

A família vem evoluindo e a escola precisa ter esse conhecimento na hora de elaborar uma estratégia de ensino, devem ser contemplados todos os modelos de famílias existentes nessa sociedade moderna para que com isso a criança sinta que esta inserida em uma família, tenha ela a configuração que for.

A sociedade moderna é constituída por vários tipos de família. Família nuclear formada por pai, mãe e filhos e a família contemporânea, casais divorciados, mães como chefe de casa, uniões homossexuais, pais adolescentes e todo tipo de união que ocorre hoje. (ARAÚJO, 2010, p.15).

As instituições de educação infantil devem abordar o trabalho com a temática e das novas configurações da família de uma maneira clara como estar acontecendo essas mudanças atualmente, mas nunca esquecer que o trato com crianças deve acontecer de maneira mais delicada para não confundir suas ideias.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) estabelece de forma legal algumas configurações que vem sendo dadas as famílias com nomenclaturas próprias e que explicitam o significado de cada tipo de família:

- Família Natural: Entende-se por família natural a comunidade formada pelos pais ou qualquer deles e seus descendentes.
- Família Substituta: A colocação em família substituta far-se-á mediante guarda, tutela ou adoção, independentemente da situação jurídica da criança ou adolescente, nos termos desta Lei.

Algumas crianças ainda vivem de forma ilegal em algumas famílias, sem respaldo nenhum, crianças que chegam às casas e simplesmente vão ficando, fato esse comum e que acontece de maneira mais intensa em comunidades pequenas.

3 O COMEÇO DA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

O debate sobre a relação família-escola é bem antigo e para entender se faz necessária a compreensão do desenvolvimento nas escolas com o passar dos anos no Brasil, onde no começo do século XX não existiam muitas escolas de educação infantil ou creches públicas para crianças em idade de 0 a 6 anos, porém, as que existiam tinham um caráter assistencialista muito marcante, não havia o desenvolvimento de atividades que contemplassem o saber pedagógico e apenas os cuidados pessoais e de higiene eram prestados nessas instituições segundo Kramer (1999).

Com o desenvolvimento econômico da sociedade em geral e com o surgimento dos movimentos feministas existiu a necessidade de inserção da mulher no mercado de trabalho e com isso as creches tinham uma importância significativa na educação dos pequenos, já que as mães que eram fundamentais nessa relação estavam fora de casa e alguém deveria assumir esse papel referido por Haddad (1993) como cita Paschoal e Machado (2003):

Os movimentos feministas que partiram dos Estados Unidos tiveram papel especial na revisão do significado das instituições de atendimento à criança, porque as feministas mudaram seu enfoque, defendendo a ideia de que tanto as creches como as pré-escolas deveriam atender a todas as mulheres, independentemente de sua necessidade de trabalho ou condição econômica. O resultado desse movimento culminou no aumento do número de instituições mantidas e geridas pelo poder público. (PASCHOAL & MACHADO, 2009, p.84).

Foi nesse momento que surgiu uma questão bastante delicada e que permeia as famílias até hoje, de quem é a obrigação de educar as crianças? Referente a essa situação Tiba (2002) diz o seguinte:

Quando os pais trabalham, as crianças vão para a escola cada vez mais cedo, com 2 anos de idade em média. Entretanto há escolinhas que as recebem com idade ainda menor. Os pais fazem essa escolha por não poder deixar os filhos com babás nem com avós. (...). Não se obedece mais à ordem: primeiro o indivíduo, depois a família, por último a sociedade. Há uma mescla do ambiente familiar com o comunitário. Se ela prejudica ou não as novas gerações, é cedo para avaliar. Mas percebo que as crianças têm dificuldade de estabelecer limites claros entre a família e a escola, principalmente

quando os próprios pais delegam à escola a educação dos filhos. (TIBA, 2002, p. 112).

Em seus estudos, Aries (1973, p. 05) afirma que a mudança de mentalidade em relação à criança se deu de forma que “a escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos”, com isso a criança teve seu papel definido na sociedade, da mesma forma como a família e a escola também foram mais profundamente definidas.

Ainda segundo Aries (1973):

Essa nova preocupação com a educação pouco a pouco iria instalar-se no seio da sociedade, e transformá-la de fio a pavio. A família deixou de ser apenas uma instituição do direito privado para a transmissão dos bens e do nome, e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas. Entre a geração física e a instituição jurídica existia um hiato, que a educação iria preencher. (ARIES, 1973, p. 271).

A educação escolar vem para formar cidadãos críticos e conscientes do seu papel na sociedade. Transformando as crianças em adultos que sabem valorizar a família e que assim quando formarem suas próprias famílias continuaram esse ciclo de construção para o desenvolvimento de um país melhor para todos e tornando a escola em parceria com as famílias formula-se a parte fundamental dessa etapa.

A família e a escola constituem os dois principais ambientes de desenvolvimento humano nas sociedades ocidentais contemporâneas. Assim, é fundamental que sejam implementadas políticas que assegurem a aproximação entre os dois contextos, de maneira a reconhecer suas peculiaridades e também similaridades, sobretudo no tocante aos processos de desenvolvimento e aprendizagem, não só em relação ao aluno, mas também a todas as pessoas envolvidas. (POLONIA & DESEN, 2007, p.29).

Em 1980 aconteceu uma reorganização da educação infantil como cita Andrade (2010) trazendo para as creches e pré-escolas uma visão pedagógica mais estabelecida e mais fundamentada na aprendizagem das crianças pequenas.

A visão da educação infantil como objetivo em si mesma foi propagada nas propostas do MEC para a educação infantil na década de 1980. Nessa perspectiva, a função da educação infantil consiste em promover o desenvolvimento global e harmônico das crianças, (...) Diante do debate sobre as funções da educação infantil, é apontada uma nova função, ou seja, a função pedagógica. (ANDRADE, 2010, p.152).

Hoje em dia existem vários projetos sendo desenvolvidos na sociedade em geral a fim de divulgar a importância da educação para que os pais a enxerguem como algo fundamental na construção de uma sociedade igualitária. É fundamental que pais ou responsáveis e o professor saibam seu papel como educador, “e não pode se esquivar da tarefa de apontar, na medida certa, os limites para que os jovens se desenvolvam bem e consigam situar-se no mundo” como relata Tiba (1996, p. 19), tendo em vista que as nossas crianças atuais serão nossos jovens no futuro.

3.1 O direito e deveres das famílias no contexto escolar

No Brasil a realidade da falta de interesse de alguns pais ou responsáveis pela vida escolar dos seus filhos ainda é um entrave que a escola tenta converter, mesmo eles sabendo da importância dessa aproximação seja em atividades escolares e extraescolares, pois é através dessa que se conseguem resultados significativos na aprendizagem das crianças (MARCHESI, 2004).

Muitos pais inculcem totalmente a escola da responsabilidade de educar, apesar das inúmeras possibilidades de aproximação com as instituições educacionais apresentadas por várias leis e regimentos, entre outros, que os pais ou responsáveis podem buscar para envolverem-se com a vida escolar das crianças, algumas famílias ainda negam a elas mesmas e as crianças esse direito.

As famílias mudaram suas configurações, seus modos de agir e de pensar sobre as crianças, houve um novo olhar sobre a infância (ARIES, 1973) com isso a escola teve que formar novas adaptações para seus contextos e as leis que regem o Brasil também precisaram se organizar para poder apresentar as famílias direitos e deveres sobre a educação das crianças, fato expressado na introdução do Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil no Brasil:

A conjunção desses fatores ensejou um movimento da sociedade civil e de órgãos governamentais para que o atendimento às crianças de zero a seis anos fosse reconhecido na Constituição Federal de 1988. A partir de então, a educação infantil em creches e pré-escolas passou a ser, ao menos do ponto de vista legal, um dever do Estado

e um direito da criança (artigo 208, inciso IV). O Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, destaca também o direito da criança a este atendimento.

Reafirmando essas mudanças, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei no 9.394, promulgada em dezembro de 1996, estabelece de forma incisiva o vínculo entre o atendimento às crianças de zero a seis anos e a educação. Aparecem, ao longo do texto, diversas referências específicas à educação infantil. (RCNEI; BRASIL, 1998, p.11).

Uma das primeiras leis totalmente voltada à educação pública primária no Brasil foi a Lei de 15 de outubro de 1827 que tratava da educação das crianças dentro do Império, dos salários dos professores e do currículo das escolas. Nessa época a educação ainda estabelecia uma relação de gênero e condição financeira muito forte, como cita Aries (1973):

A extensão da escolaridade às meninas não se difundiria antes do século XVIII e início do XIX. (...). Durante muito tempo, as meninas seriam educadas pela prática e pelo costume, mais do que pela escola, e muitas vezes em casas alheias. No caso dos meninos, a escolarização estendeu-se primeiro à camada média da hierarquia social. (ARIES, 1973, pg. 233).

Romanelli (1986) enfatiza que a condição social e financeira era outro fator que pesava na hora de estabelecer quem poderia ou não frequentar as escolas, as famílias de classe média que não tinham condições de financiar os estudos dos seus filhos em escolas europeias apresentavam mais direito do que a população carente na hora de matricular seus filhos nas escolas públicas.

No Brasil, até o final da década de 1920, as camadas dominantes, com o objetivo de servir e de alimentar seus próprios interesses e valores, conseguiram organizar o ensino de forma fragmentária, tomado o país como um todo, e ideal, considerando um modelo proposto de educação. (ROMANELLI, 1986, p. 30).

No Brasil os processos legais que estabeleceram formalmente a educação aconteceram de maneira lenta e gradativa. Por muitos anos o Ministério da Educação, antes Departamento Nacional da Educação, era ligado diretamente com o da saúde, trazendo para essa uma visão assistencialista, tendo em vista que esta visão já está ultrapassada como demonstrado no texto do Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil:

Modificar essa concepção de educação assistencialista significa atentar para várias questões que vão muito além dos aspectos legais. Envolve, principalmente, assumir as especificidades da educação infantil e rever concepções sobre a infância, as relações entre classes sociais, as responsabilidades da sociedade e o papel do Estado diante das crianças pequenas. (BRASIL, 1998, p.11).

Em seus estudos Vilarinho (1987) citado por Kuhlmann Jr. (2000) versa sobre o período desenvolvimento da visão da educação no Brasil, mais especificamente da educação infantil:

O Ministério da Educação passa a se ocupar da educação pré-escolar, que se torna ponto de destaque no II e no III Plano Setoriais de Educação e Cultura (PSEC), que eram desdobramentos dos Planos Nacionais de Desenvolvimento, elaborados durante o governo militar, para os períodos 1975-79 e 1980-85. Além de solução para os problemas da pobreza, a educação infantil resolveria as altas taxas de reprovação no ensino de 1º grau (VILARINHO, 1987, apud KUHLMANN JR., 2000, p.11).

Depois de uma época de adaptações do papel da educação em 1988 a Constituição Federal trouxe na sua redação uma citação direta no seu capítulo III, artigo 205, tratando especificamente de educação, já ressalva sobre o envolvimento dos pais na vida educacional dos seus filhos, onde determina que “A educação direito de todos e dever do Estado e da família (...)” (BRASIL, 1988), sendo interpretada de maneira simples deixa claro que a família também tem responsabilidade sobre a educação das crianças.

Seguindo essa premissa a Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional, construída a luz da Constituição Federal de 1988, reafirma o dever da família sobre a educação da criança, traz em seu primeiro artigo que a educação é dever da família e do Estado, assegurando as crianças o seu direito e reforçando as famílias seus deveres.

Ainda segundo a LDB o papel da escola nesse processo de aproximação com os pais deve ser de colaborar com as atividades de articulação da escola com a família e a comunidade; articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola; o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

O simples conhecimento por parte dos pais dos seus direitos e deveres com a educação dos seus filhos tornaria tudo mais simples, a escola pode contribuir de

várias formas, mostrando para os pais meios e metas de como auxiliar nessa educação (COLARES, 2008). Cabe aos pais fazer valer a aprendizagem adquirida pelo filho na escola.

No convívio familiar a escola não esta presente a não ser que alguém a torne presente seja por parte do filho ao questionar aos pais alguma informação ou vice versa, ou seja, por parte da própria escola em buscar meios de se fazer presente. O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil trás um capítulo que embasa esse pensamento da relação de parceria com as famílias, onde enfatiza que:

A comunicação mais individualizada entre as famílias e as instituições de educação infantil deve ocorrer desde o início de forma planejada. Após os primeiros contatos, a comunicação entre as famílias e os professores pode se tornar uma rotina mais informal, mas bastante ativa. Entrar todos os dias até a sala onde sua criança está, trocar algumas palavras com o professor pode ser um fator de tranquilidade para muitos pais. Quanto menor a criança, mais importante essa troca de informações. Este contato direto não deve ser substituído por comunicações impessoais, escritas de maneira burocrática. Oportunidades de encontros periódicos com os pais de um mesmo grupo por meio de reuniões, ou mesmo contatos individuais fazem parte do cotidiano das instituições de educação infantil. (RCNEI, BRASIL, 1998, p.78).

O documento apresentado pelo Ministério da Educação e Cultura em 2006 que estabelece políticas públicas a serem desenvolvidas em todo país, intitulado *Políticas Nacionais da Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos* em suas diretrizes expressa que “A Educação Infantil tem função diferenciada e complementar à ação da família, o que implica uma profunda, permanente e articulada comunicação entre elas.” (PNEI, Brasil, 2006, p.17), demonstrando dessa maneira que as duas têm papéis diferentes, mas interligados, já que as crianças precisam frequentar a escola, passando um tempo significativo nelas.

No Brasil existem vários decretos e leis que embasam os direitos e deveres dos pais, mais a falta de conhecimento ainda é um entrave que precisa ser vencido por parte de todos, para que possamos oferecer aos alunos uma educação de qualidade tanto na escola como em casa. A relação seja da família, seja da escola e da comunidade em geral deve prezar pelo interesse maior, a aprendizagem de qualidade das crianças que vão constituir o nosso país no futuro como adultos que, se bem preparados, serão conscientes e executantes do seu papel na sociedade com responsabilidade.

3.2 A importância da relação família-escola para aprendizagem das crianças

A importância da relação família-escola deve ser um fator bastante considerado na hora de analisar o aprendizado das crianças, principalmente na educação infantil, tendo em vista que a maior parte da vida das crianças elas passam por esses dois ambientes, família e escola. Sendo assim, se não existir um equilíbrio entre estas duas instituições tão importantes para sociedade o bem estar da criança é o que pode ficar comprometido. Segundo Bhering e Siraj-Blatchford (1999) a educação das crianças deve ser observada como uma parceria:

Apesar de haver diferenças distintas entre as obrigações da família e da escola, há também responsabilidades e objetivos comuns a ambas as instituições. Criar condições favoráveis para o desenvolvimento da criança é um dos objetivos comuns das duas instituições. Tanto uma quanto a outra influenciam e ajudam a determinar o curso de vida das crianças, razão pela qual a relação da escola e da família é vista como complementar e não como forças distintas e separadas. Partindo do princípio que reconhece o valor da relação família-escola, seja qual for a estrutura familiar, é possível pensar em como essa relação pode ser desenvolvida. (BHERING & SIRAJ-BLATCHFORD, 1999, p.195).

Muitas famílias acabam delegando a escola total responsabilidade sobre a educação das crianças (LEITE & GOMES, 2008) e com isso acabam sobrecarregando ainda mais as escolas que já são responsáveis por algo que é fundamental, que é a aprendizagem e o desenvolvimento intelectual das crianças, com isso acabam saindo do foco para corrigir erros que poderiam ser trabalhados no ambiente familiar.

A escola como promotora de cultura e propagadora de conhecimento (BARBOSA, 2004) deve assegurar pelo menos o mínimo de informações necessárias aos pais para que eles tenham consciência da sua importância na aprendizagem da criança. Cabe aos pais procurar informação da vida escolar dos seus filhos, ajudando-os no que for possível para que eles tenham um desenvolvimento intelectual sadio e significativo. É da escola o papel de incentivadora na aproximação da família ao ambiente escolar e em particular aos

estudos dos seus filhos, com a promoção de eventos, projetos e outros que atraiam o pai aquela realidade (SIRAJ-BLATCHFORD, 1999).

Tiba (2002) ressalta que a parceira da família com a escola não deve ser vista como um jogo de “empurra-empurra”, onde a responsabilidade de educar só cabe à escola como muitos pais imaginam.

A escola sozinha não é responsável pela formação da personalidade, mas tem papel complementar ao da família. Por mais que a escola infantil propicie um clima familiar à criança, ainda assim é apenas uma escola.

A escola oferece condições de educação muito diferentes das existentes na família. A criança passa a pertencer a uma coletividade, que é sua turma, sua classe, sua escola. É um crescimento em relação ao “eu” de casa, pois ali ela praticamente é o centro. (TIBA, 2002, p.113).

Ainda segundo Tiba (2002) o apoio dos pais as atividades propostas pelos professores para serem desenvolvidas em casa é primordial para que a criança observe que seu aprendizado é importante e esse pode acontecer tanto na escola como em casa.

Quando estuda sozinho, o filho pode distrair-se, perder tempo demais com uma única matéria, dar importância em excesso aos desenhos em vez de prestar atenção no texto principal, ficar rabiscando. Até que desenvolva um método de estudo, os pais devem acompanhá-lo para evitar que adquira esses pequenos vícios. Mas insisto no seguinte ponto: isso tudo não significa que a mãe deva fazer a lição pelo filho. Se assim proceder, fatalmente eles (mãe e filho) serão reprovados na quinta série. É só estudando que se aprende a estudar. (TIBA, 1996, p.102).

A tarefa de casa é vista de várias maneiras pelos pais, alguns entendem como a continuação do aprendido na escola, como um reforço dos assuntos em casa, outros já percebem a atividade de casa como um momento estressante onde terão que de alguma forma ajudar a criança a responder a lição (CARVALHO, 2004). Ainda segundo a autora o dever de casa quando auxiliado pelos pais é responsável pelo sucesso escolar das crianças

Para manter uma vida escolar satisfatória a criança precisa de vários fatores como um ambiente que contribua para aprendizagem, uma estrutura física escolar que possibilite seu desenvolvimento, um (a) professor (a) que estimule seus saberes e que goste de trabalhar com crianças. Além disso, se faz necessário para que esse

conjunto atinja o objetivo uma boa relação entre família e escola e uma participação intensa dos pais na educação dos seus filhos.

No trabalho com essa faixa etária a dedicação profissional é fundamental já que a relação entre cuidar e educar estão muito ligadas, fazendo necessária uma ação mais intensa por parte do professor tendo em vista a pouca idade das crianças as tornam nas enérgicas do que outras de idade maior.

Quando se trata da qualidade de vida familiar é importante ressaltar que muitos pais estão se eximindo das suas obrigações devido a vários motivos da nova sociedade moderna, como por exemplo, as jornadas de trabalho cada vez mais longas, com isso muitas vezes a educação escolar é deixada de lado, fato esse que prejudica de maneira intensa o desenvolvimento da aprendizagem de seus filhos como relata Rocha e Macêdo (2002):

Nada é pior para o bem estar e desenvolvimento das crianças e dos jovens do que a ausência de referências seguras e a privação do contato continuado e duradouro com adultos significativos. Quando os pais, por motivos relacionados com o mercado de trabalho e o afastamento do local de trabalho da sua área de habitação, não dispõem de tempo para estar com os filhos, deixando, por isso, de tomar as refeições em comum, as crianças e os jovens são obrigados a crescerem com a ausência de referências culturais seguras. Essa ausência de referências faz aumentar a necessidade de os professores criarem programas que aproximem as escolas das famílias, contribuindo para a recriação de pequenas comunidades de apoio aos alunos que sejam uma presença forte na vida deles. (ROCHA & MACÊDO, 2002, p.30).

As reuniões escolares são mecanismos essenciais de estreitamento com os pais dos alunos, momento significativo se bem planejada, só que na maioria das vezes essas não consideram a situação de tempo que essa família se encontra, acontecendo de privilegiar um pai que possuam uma disponibilidade de tempo, (CASTRO & REGATTIERI, 2010) fazendo com que crie um ambiente de maior exclusão e distanciamento para esses pais que possuem pouco tempo.

A reunião poder ser marcada no horário de conveniência da escola sem consultar a disponibilidade dos responsáveis, ter como conteúdo mensagens que a escola quer passar aos familiares, independentemente de qualquer tipo de demanda destes, e a dinâmica pode ser os profissionais da educação falarem e os familiares escutarem. Nesses casos, os cuidados com acolhimento e participação são pequenos e podem acontecer situações nas quais os pais se sentem excluídos, como a projeção de textos escritos para

uma plateia com muitos analfabetos ou o uso de linguagem técnica que não é compreendida pela audiência. A equipe escolar, ao fim desse tipo de encontro, só sabe o que quis dizer e não o que foi compreendido pelas famílias. A consequência é continuar trabalhando com suposições sobre as famílias, sem ter avançado no conhecimento sobre elas e muito menos na construção de uma agenda de colaboração mútua. (CASTRO & REGATTIERI, 2010, p.39).

Nas reuniões de pais e mestre de escola que não buscam envolver efetivamente os pais a frequência é muitas vezes pequena, devido ao fato de que a reunião na maioria das vezes só foca a indisciplina e as reclamações de qualquer outra natureza referente aos alunos, fazendo com que os pais se sintam responsáveis pela indisciplina, mais não demonstrando como eles podem corrigir e se envolver com a aprendizagem dos seus filhos.

É fundamental que os pais tenham clara a visão da sua importância no desenvolvimento da aprendizagem das crianças, para que eles possam de maneira mais significativa participar além da vida do ambiente escolar dos filhos, para que a escola se faça perceber próxima e não distantes dos pais, como deixa claro Rocha e Macêdo (2002):

Quando a escola se aproxima das famílias, registra-se uma pressão positiva no sentido de os programas educativos responderem às necessidades dos vários públicos escolares. As comunidades locais também ganham porque o envolvimento familiar faz parte do movimento cívico mais geral de participação na vida das comunidades, sendo, por vezes, uma oportunidade para os pais intervirem nos destinos das suas comunidades e desenvolverem competências de cidadania. (ROCHA & MACÊDO, 2002, p.32).

3.3 Relação professor-família

Na relação família-escola o professor tem um papel fundamental e deve ser visto como elo para que essa parceria aconteça, sendo ele o responsável pela troca de informações entre ambas as partes, os pais quando querem informações mais precisas sobre seus filhos buscam diretamente o professor e, a equipe escolar também faz esse caminho quando quer informação sobre algum aluno.

Tiba (1996, p.115) diz que “a disciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser obedecidas tanto pelos professores quanto pelos alunos para que o aprendizado escolar tenha êxito”. É necessário que o professor não use da sua hierarquia para mostrar poder perante seus alunos da educação infantil, já que nessa fase eles necessitam de atenção e carinho, sendo assim quando os pais percebem que o professor é uma pessoa que trata bem seu filho acontecerá um ciclo de satisfação para todos, aluno, professor, família.

Os professores devem funcionar como elo fundamental, atraindo os pais, informando resultados positivos que seus filhos vêm adquirindo, buscando informações que os levem a conhecer aquela criança, e quando existir alguma queixa o professor deve ter a sutileza na hora de comunicar, sempre de uma forma que o pai não se sinta a pior pessoa do mundo por ter um filho com problemas, pois depende de como as informações são passadas, se uma queixa é passada de uma forma calma, assim será recebida.

O envolvimento familiar traz, também, benefícios aos professores que, regra geral, sentem que o seu trabalho é apreciado pelos pais e se esforçam para que o grau de satisfação dos pais seja grande. A escola também ganha porque passa a dispor de mais recursos comunitários para desempenhar as suas funções, nomeadamente com a contribuição dos pais na realização de atividades de complemento curricular. (ROCHA & MACÊDO, 2002, p.32).

Segundo Tiba (2002) a família que apoia e acompanha o regimento escolar das crianças em conjunto com o professor consegue resultados mais expressivos e significativos, já que quando a criança observar que no seu ambiente escolar principal que é a sala de aula há harmonia entre a sua família e seus professores ela se sentirá mais segura.

Para Cury (2007) os professores devem ser enxergados como seres fundamentais e complementares as famílias, que devem valoriza-los e reconhecer seu trabalho, que muitas vezes é desenvolvido com a estrutura precária que muitas escolas oferecem e mesmo assim prestam um trabalho de qualidade, sendo que esse trabalho atingiria com mais significado seus resultados se tivesse a parceria dos pais.

Os professores não são valorizados socialmente como merecem, não estão nos noticiários da TV, vivem no anonimato da sala de aula, mas são os únicos que têm o poder de causar uma revolução social.

Com uma das mãos eles escrevem na lousa, com a outra, movem o mundo, pois trabalham com a maior riqueza da sociedade: a juventude. Cada aluno é um diamante que, bem lapidado, brilhará para sempre. (CURY, 2007, p.56).

Os professores são fundamentalmente necessários para que a parceria família-escola de certo, além disso eles precisam desenvolver em suas salas de aula amor, compreensão, união, dedicação e incentivar as crianças a valorizar suas famílias, sempre pensando nelas como nosso futuro e preparando-as de uma forma onde elas possam influenciar de maneira positiva na vida de todos.

4 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

4.1 Caracterização do estudo

A presente pesquisa é fundamentada na relação família-escola e com isso faz-se necessário ressaltar que um trabalho monográfico é algo essencial para o aprofundamento de estudos relativos a uma temática específica, podendo assim atingir através de pesquisas os conhecimentos desejados sobre o tema trabalhado.

Para Prodanov e Freitas (2013):

Os trabalhos científicos serão monográficos uma vez que satisfaçam à exigência da especificação, ou seja, na razão direta de um tratamento estruturado de um único tema, devidamente especificado e delimitado. O trabalho monográfico caracteriza-se mais pela unicidade e delimitação do tema e pela profundidade do tratamento do que por sua eventual extensão, generalidade ou seu valor didático. (PRODANOV & FREITAS, 2013, p.155).

Para o desenvolvimento de um bom trabalho é primordial o embasamento bibliográfico de qualidade, já que esse é fundamental para dar significação a esse. A partir de uma pesquisa de fim exploratório de cunho qualitativo observou-se de maneira mais clara e sistemática o tema abordado, tendo em vista que a pesquisa exploratória “Visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses” como enfatiza Gil (1991) citado por Silva e Menezes (2001, p.21).

Prodanov e Freitas (2013) explicita a diferença entre método e pesquisa:

- Método: Forma de pensar para chegarmos à natureza de determinado problema, quer seja para estudá-lo ou explicá-lo.
- Pesquisa: Modo científico para obter conhecimento da realidade empírica [...] tudo que existe e pode ser conhecido pela experiência. Processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico.

Para conseguir os objetivos do presente trabalho na pesquisa de campo foi realizado um estudo de método qualitativo, onde através dos dados coletados por meio de questionário semiaberto foi realizada uma análise para a melhor compreensão desses dados. Para Silva e Menezes (2001) a pesquisa qualitativa:

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (SILVA & MENEZES, 2001, p.20).

Ainda sobre a pesquisa qualitativa Triviños (1995) enfatiza que esse tipo de pesquisa visa descrever os fenômenos no contexto que eles estão inseridos, sendo assim a análise dos resultados é sempre retrata de forma mais real sobre a discussão da problemática do tema abordado.

Sobre a pesquisa de campo Prodanov e Freitas (2013) deixam claro que:

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los. (PRODANOV & FREITAS, 2013, p.59)

4.2 Sujeitos da pesquisa

A Creche Escola Rachel Pedrosa encontra-se localizada na Rua Senador Marcondes Gadelha, S/N, no Distrito de Lerolândia, zona rural de Santa Rita – PB, inaugurada no dia 06 de maio do ano de 1999, recebeu esse nome em homenagem a Rachel Helena Ribeiro Pedrosa, nascida em Pernambuco, casada com Othon Pedrosa. Rachel Helena Ribeiro morou durante muitos anos na Usina São João, onde sempre procurou ajudar os menos favorecidos.

O regime de funcionamento das creches municipais de Santa Rita é determinado pela Secretaria Municipal de Educação desse município. Com relação ao horário de funcionamento é em tempo integral para todas as turmas, horário que

se inicia de 7 horas e se estende até às 17 horas e esse deve ser seguido tanto por funcionários como pelos alunos para que seja estabelecida uma rotina.

Os projetos elaborados pela instituição também devem obedecer à realidade local. A rotina estabelecida na Creche Escola Rachel Pedrosa é seguida de maneira que as crianças habituem-se a ter horários estabelecidos de alimentação, sono, higiene e brincadeiras, fatores esses primordiais para o funcionamento de qualquer instituição que trabalha com educação infantil, como relata Oliveira & Oliveira (2005) em seu texto:

A interação na instituição é a condição principal para o crescimento das crianças e devem ser traduzidas em atividades diárias. As atividades propostas devem ser baseadas em uma organização do espaço e na oferta de matérias adequadas, de forma que possibilite a iniciativa, ação independente e a imaginação das crianças. A programação diária deve contemplar momentos livres, além de higiene e de alimentação. (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2005, p.25).

A secretaria Municipal de Educação de Santa Rita – PB estabelece anualmente um calendário escolar que fixa o início e o término do ano letivo, além também de fixar outras determinações como período de matrícula, período de férias de 30 dias no mês de janeiro e um recesso no mês de julho.

A distribuição do quadro de funcionários segue a presente sequência:

- 01 gestora;
- 03 professoras;
- 02 cozinheiras;
- 05 assistentes de sala;
- 03 assistentes de berçário;
- 02 auxiliares de limpeza;
- 01 lavadeira.

A Creche Escola Rachel Pedrosa está inserida em uma comunidade muito carente, por isso muitas das atividades ali desenvolvidas prioriza a higiene e outros aspectos sociais para dar uma melhor qualidade de vida àquelas crianças.

Para o desenvolvimento do presente trabalho de pesquisa responderam ao questionário na creche escola 25 pais dos alunos das salas de pré-escolar I e II, onde houve o desenvolvimento de um questionário para a obtenção de informações e posteriormente a análise dos resultados.

4.3 Instrumento da pesquisa

Para a realização da presente pesquisa foram realizados na escola e na creche a aplicação de um questionário semi estruturado tendo em vista a coleta de dados para a futura verificação e análise dos dados em cima da temática escolhida. Para Triviños (1987) o questionário semi estruturado é:

(...) em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam sua pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebe as respostas dos informantes. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participação do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p.146).

4.4 Procedimento para coleta de dados

:

1ª Etapa: Foi feito o primeiro contato com a diretora da Creche Escola Rachel Pedrosa para obtenção de maiores informações sobre o funcionamento geral da instituição, além de uma primeira observação sobre a estrutura física e material.

2ª Etapa: Realizou-se a aplicação dos questionários com os pais dos alunos de Educação Infantil para concretizar um levantamento a relação estabelecida por eles com aquele ambiente escolar. Sendo assim, aplicou-se uma entrevista semiestruturada com 10 questões, com 25 pais e mães na hora da entrada ou da saída.

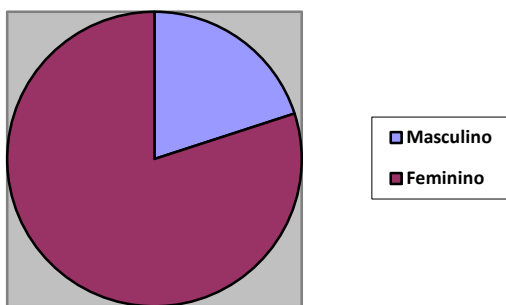
3ª Etapa: Realizou-se o levantamento dos dados e informações colhidas nas visitas que aconteceram à creche escola.

5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Este capítulo tem por objetivo analisar e interpretar as dados coletas para que dessa forma possa-se subsidiar a problemática que envolve o tema trabalhado, que nesse caso é a visão que os pais têm sobre a relação que eles estabelecem com a escola.

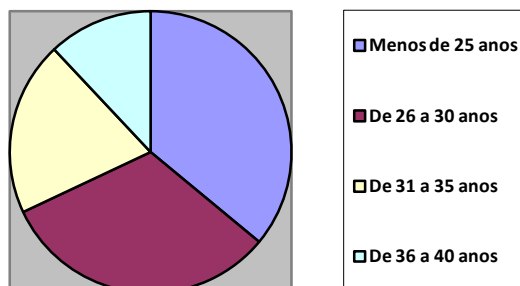
5.1 Caracterização da amostra

Gráfico 1 - Gênero



Os participantes da pesquisa foram de predominância feminina, sendo 88% dos participantes e 12% masculina, tendo em vista que este dado é meramente ilustrativo e não influencia no desenvolvimento da análise dos dados.

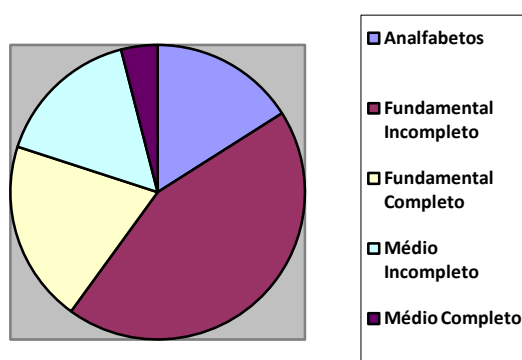
Gráfico 2 – Faixa etária



A faixa etária dos participantes demonstrou que a maior média de idade é a de menos de 25 anos sendo 9 pessoas nessa faixa etária, seguida de 26 a 30 anos com 8 participantes, de 31 a 35 anos com 5 participantes e apenas 3 com a faixa etária dos 36 aos 40 anos.

Percebe-se a tendência de uma faixa etária de pessoas jovens e com isso a matrícula dos filhos na creche é uma opção razoável para que possam manter sua atividade trabalhista de maneira mais tranquila, já que as crianças estão recebendo na creche cuidados e educação.

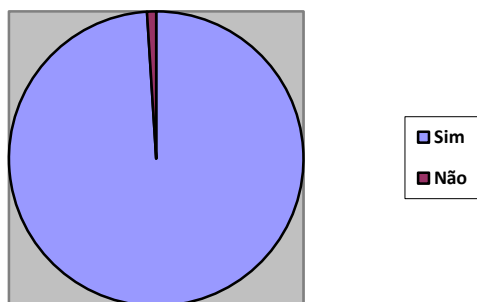
Gráfico 3 – Grau de instrução



Dos entrevistados fica claro que o grau de instrução ainda é muito baixo, esse fator pode ser levado em conta na hora de considerar a visão que esses pais têm sobre a aprendizagem da criança, sendo que 4 são analfabetos, 11 possuem o ensino médio incompleto, 5 possuem o ensino fundamental completo, 4 o ensino médio incompleto e apenas 1 concluiu o ensino médio.

5.2 Questões específicas ao objeto de estudo

1. Você participa das reuniões de pais?



A reunião dos pais é um momento de suma importância para a aproximação da família com a escola, segundo MARCHESI (2004) essa participação é um dos fatores fundamentais para uma avaliação positiva, observando os dados exposto fica visível que a maioria dos pais (99%) participa das reuniões escolares, apenas um pai relatou a impossibilidade de participar de qualquer tipo de reuniões por motivos de trabalho.

2. Para você o que representa a reunião de pais?

Resposta do pai/mãe A: “Um momento muito importante, onde se podem trocar informações sobre a criança.”

Resposta do pai/mãe B: “Momento em que se têm informações sobre os filhos”

Resposta do pai/mãe C: “A reunião representa a relação entre a escola e família”

Resposta do pai/mãe D: “Saber informações sobre a situação dos filhos”

Resposta do pai/mãe E: “Conhecer as pessoas que trabalham com meu filho e saber como são essas pessoas”

Resposta do pai/mãe F: “Estreitar a relação com a creche”

Resposta do pai/mãe G: “Conversar sobre o comportamento das crianças”

Resposta do pai/mãe H: “Conhecer o ambiente e a opinião da diretora sobre como funciona a creche”

Resposta do pai/mãe I: “Momento de saber informações sobre as crianças”

Resposta do pai/mãe J: “Conhecer os funcionários da creche”

Resposta do pai/mãe K: “Buscar informações sobre o desenvolvimento da criança”

Resposta do pai/mãe L: “Observar o comportamento dos funcionários e conhecer as professoras”

Resposta do pai/mãe M: “Um momento de se aproximar das pessoas da creche”

Resposta do pai/mãe N: “Momento de buscar informações sobre os funcionários e sobre como vai os estudos das crianças”

Resposta do pai/mãe O: “Cuidado com as crianças, já que se conhecem as pessoas que trabalham ali”.

Resposta do pai/mãe P: “Aproximar da vida escolar das crianças”

Resposta do pai/mãe Q: “Saber o comportamento e conhecer as professoras da creche”

Resposta do pai/mãe R: “Participar e acompanhar o que é realizado na creche”

Resposta do pai/mãe S: “Conhecer o espaço, os funcionários e saber o comportamento do meu filho”.

Resposta do pai/mãe T: “Só ouvir as palavras da diretora”

Resposta do pai/mãe U: “Conhecer os pessoas que trabalham na creche e as professoras”

Resposta do pai/mãe V: “Conversar sobre como funciona a creche que conhecer os funcionários”

Resposta do pai/mãe W: “Gosto de saber informações de como está o comportamento do minha filha”

Resposta do pai/mãe X: “Só para conhecer as pessoas que trabalham lá e o ambiente”

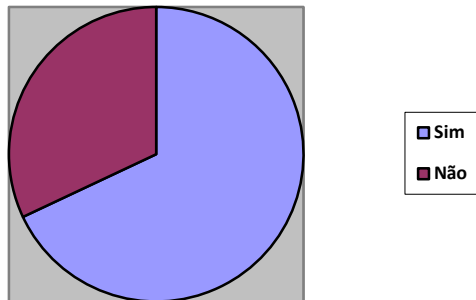
Resposta do pai/mãe Y: “Não participo por falta de tempo, mais sempre busco notícias sobre meu filho”.

Após a análise das repostas dos pais e mães ficou evidente que a maior parte dos pais participa das reuniões para saber o comportamento de seus filhos, já que na maioria dessas reuniões o principal assunto é sobre o comportamento das crianças. Para Rocha e Macêdo (2002) os professores não podem ser portadores só de más notícias, nas reuniões fica claro que os pais esperam saber informações sobre seus filhos e essas informações precisam ser equilibradas, e se houver necessidade de se contar um desvio de conduta da criança é que esse deve ser comentado. Outro fator que fica visível na fala dos pais é o interesse de conhecer as pessoas que trabalham com seus filhos, já que é imprescindível aos pais saber aos cuidados de quem estão deixando seus filhos.

Segundo Castro e Regatieri (2010, p.39) “Uma reunião pode ter elementos muito semelhantes, mas, dependendo da sua condução, pode aumentar a distância entre os participantes ou abrir canais de diálogo” e esse momento deve ser

percebido pelos pais, tendo em vista de desfazer o estigma que existe nas reuniões de ser um momento onde predomina a exposição sobre as atitudes negativas dos alunos.

3. Você auxilia seu filho nas atividades de casa?



Caso negativo, por quê?

Resposta do pai/mãe A: “Não sei ler nem escrever”

Resposta do pai/mãe B: “Tenho pouco estudo”

Resposta do pai/mãe C: “Sou analfabeto”

Resposta do pai/mãe D: “Não sei ler”

Resposta do pai/mãe E: “Sei muito pouco e por isso não consigo ajudar minha filha”

Resposta do pai/mãe F: “Sei poucas coisas e peço pra meu filho mais velho ajudar”

Resposta do pai/mãe G: “Não tenho paciência”

Resposta do pai/mãe H: “Não tenho tempo porque trabalho mais minha filha mais velha ajuda”

A ajuda nas atividades de casa é importante para que o filho perceba que os pais tem interesse em seus estudos. Segundo Carvalho (2004) o principal elo entre a família e a escola é o dever de casa, e essa visão é realçada na fala da maioria dos pais onde 68% afirmam auxiliarem seus filhos nas atividades de casa, sendo estes conscientes que o esforço é necessário para quem quer melhorar as condições educacionais dos filhos através do acompanhamento de seus estudos.

Na outra ponta estão 32% que afirmaram não auxiliar seus filhos no dever de casa, sendo que a maioria alega que não é alfabetizado, ou não o suficiente, para auxiliar seus filhos nas atividades de casa, só que o auxilia pode vir de muitas maneiras, não só no dever de casa. Sobre o nível de escolarização dos pais Chechia e Andrade (2005, p.432) ressaltam que “Alguns pais pouco podem ajudar,

pois se recolhem na ignorância, na inferioridade e demonstram carência de orientação, muitas vezes, por não serem instruídos para agir e orientar seus filhos”, as escolas devem de alguma forma instruir os pais de maneira que eles percebam que toda ajuda é bem finda e importante para seus filhos.

4. Na sua opinião para que serve a tarefa de casa?

Resposta do pai/mãe A: “Para observar o que as crianças estão aprendendo na sala de aula.”.

Resposta do pai/mãe B: “Para perceber o que as professoras estão ensinando”

Resposta do pai/mãe C: “Para acompanhar os estudos dos filhos”

Resposta do pai/mãe D: “Reforçar o que foi aprendido na creche”

Resposta do pai/mãe E: “Perceber se as crianças estão estudando e aprendendo”

Resposta do pai/mãe F: “Reforçar o que foi estudado na sala”

Resposta do pai/mãe G: “Para reforçar o que foi estudado”

Resposta do pai/mãe H: “Melhorar o que foi estudado”

Resposta do pai/mãe I: “Manter alguma atividade que foi passada na sala para estudar em casa”

Resposta do pai/mãe J: “Reforçar o que foi estudado”

Resposta do pai/mãe K: “Aumentar o conhecimento sobre o que foi passado na sala”

Resposta do pai/mãe L: “Ensinar as crianças a estudarem em casa”

Resposta do pai/mãe M: “Observar o que foi estudado na sala pelas crianças”

Resposta do pai/mãe N: “Ajudar as crianças a aprenderem mais”

Resposta do pai/mãe O: “Mostrar o que foi estudado na creche”

Resposta do pai/mãe P: “Incentivar as crianças a estudarem em casa”

Resposta do pai/mãe Q: “Reforçar o que foi dado na sala”

Resposta do pai/mãe R: “Estimular os pais a olhar o que os filhos estudaram”

Resposta do pai/mãe S: “Saber o que as crianças estão estudando”

Resposta do pai/mãe T: “Reforçar o estudado na creche”

Resposta do pai/mãe U: “Mostrar o que as crianças estão estudando”

Resposta do pai/mãe V: “Para observar o que as crianças aprenderam”

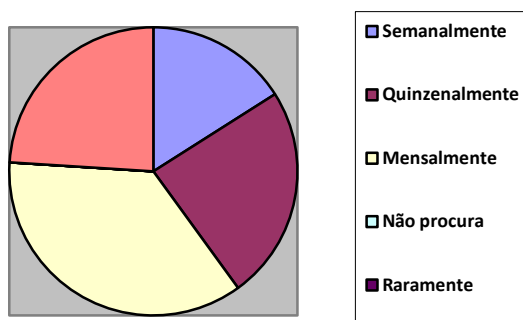
Resposta do pai/mãe W: “Olhar o que as crianças estão estudando”

Resposta do pai/mãe X: “Para reforçar o que a professora ensinou na sala”

Resposta do pai/mãe Y: “Incentivar as crianças a estudarem em casa”

A partir da fala dos pais fica claro que a maioria considera o dever de casa como um reforço do que foi aprendido na sala de aula, e essa é uma observação pertinente, como resalta Carvalho (2004, p.1) “o dever de casa é considerado uma estratégia de ensino: de fixação, revisão, reforço e preparação para aulas e provas”. A importância do dever de casa é inegável, tendo em vista que os pais demonstram isso nas suas falas, já que é através dele também que se é observado o que a criança estudou na sala de aula, se ela estiver compreendendo o que lhe foi passado, se está tendo um raciocínio satisfatório sobre o que foi estudado e várias outras coisas podem ser percebidas no momento em que os pais auxiliam as crianças em casa.

5. Qual a frequência que você procura a escola para saber a situação escolar do seu filho (a)?

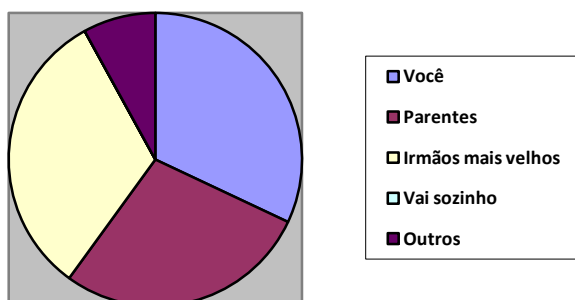


Saber informações sobre a situação educacional do filho é algo imprescindível para estreitar a relação da família com a creche/escola, além de salutar para os alunos. É de suma importância que a escola faça um levantamento prévio sobre a situação das famílias como explica Castro e Regattieri (2009, p.41) “(...) temos que passar da “família esperada” a “família real” para traçar estratégias mais eficazes visando o envolvimento familiar na vida escolar dos alunos”, já que uma família quando se sente efetivamente envolvida consegue se abranger de forma mais significativa aos estudos da criança.

Segundo a pesquisa 36% das famílias buscam a escola mensalmente, mostrando algum interesse sobre os estudos das crianças. 24% procuram quinzenalmente e 16% procura semanalmente mostrando um interesse maior referente às crianças. Apenas 24% dos responsáveis relataram que só procuram a creche quando é chamado, mostrando assim certo desinteresse sobre os estudos

dos seus filhos. Dos entrevistados nenhum relatou que não procura ou procura raramente.

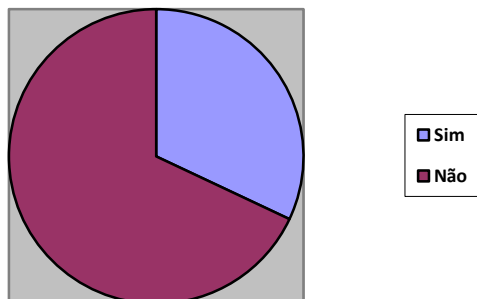
6. Quem leva e busca seu filho na escola/creche?



O ir e vir das crianças são momentos habituais e que devem ser saudáveis para não causá-las nenhum tipo de trauma seja de ordem emocional ou até mesmo física que é o que pode acontecer quando a criança é levada por pessoas não responsáveis. Nos casos relatados na pesquisa 32% dos pais e mães são responsáveis por levar seus filhos à creche, 28% mandam por parentes adultos considerando assim esses responsáveis e cuidadosos com o traslado dessas crianças.

32% relataram que mandam as crianças por filhos mais velhos, sendo esses de idades variadas e muitos até com uma idade um pouco maior do que os irmãos que estão levando, podendo acontecer problemas inesperados, pois são crianças respondendo por crianças. Em 8% dos casos as crianças são levadas para a creche por vizinhos, conhecidos, outras pessoas que vão seguir aquele mesmo caminho e que esses pais aproveitam para mandar seus filhos, também sendo esse um fator de risco, já que a responsabilidade sobre aquela criança é passada para terceiro. A criança nessa idade ainda não tem o desenvolvimento físico e mental completos, Piaget (1999, p.13) ressalta que o desenvolvimento “é uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior” e com isso uma criança ainda não tem um total desenvolvimento e por isso deve ter uma pessoa responsável para lhe levar para creche.

7. Existe alguma dificuldade para que você possa ajudar seu filho na realização da tarefa escolar?



Caso positivo, por quê?

Resposta do pai/mãe A: “Sim, pois trabalho e quando chego não tenho tempo de ajudar minha filha.”.

Resposta do pai/mãe B: “Sim. Não sei ler muito, por isso tenho muita dificuldade em ajudar”.

Resposta do pai/mãe C: “Sim. Meu estudo é pouco e por isso não consigo ajudar”.

Resposta do pai/mãe D: “Sim. Não consigo ajudar porque não sei ler”.

Resposta do pai/mãe E: “Sim. Não tenho tempo e por isso peço para meu filho mais velho ajudar”.

Resposta do pai/mãe F: “Sim. Tenho pouco conhecimento e tem algumas tarefas que não consigo entender”.

Resposta do pai/mãe G: “Sim. Falta de tempo, gostaria de ter mais tempo para ajudar”.

Resposta do pai/mãe H: “Sim. Não tenho muita paciência, por isso peço para meu filho mais velho ajudar”.

A ajuda nas atividades escolares das crianças é fundamental, por isso é necessário que os pais se conscientizem da sua importância por mínima que seja uma olhadinha aqui, um incentivo ali, tudo isso faz diferença na vida escolar dos seus filhos. 68% dos pais relatam que não tem nenhuma dificuldade na hora de auxiliar seus filhos, pois acreditam as atividades passadas na sala de aula fáceis de auxiliar.

Já para 32% dos pais o resolver da atividade de casa é um momento angustiante, tendo em vista que a maioria considerou o pouco grau de instrução como um fator que pesa na hora de auxiliar seus filhos no dever de casa. Para

Paniagua (2004, p.345) “A continuidade do trabalho entre a escola e a família multiplica o efeito das intervenções e contribui para que a criança viva a coerência entre seus dois mundos de referência.”, sendo necessário que esses pais que tem alguma dificuldade busquem outras formas de auxiliar seus filhos, podendo a escola oferecer alguns recursos para que essa ajuda seja prestada de uma maneira satisfatória.

8. O que você acha da sua ajuda nos estudos do seu filho (a)? Justifique a resposta:

Resposta do pai/mãe A: “Importante, porque assim a criança percebe o interesse dos pais sobre seus estudos.”.

Resposta do pai/mãe B: “Importante”

Resposta do pai/mãe C: “Necessária, devido à dificuldade que meu filho tem na escola”.

Resposta do pai/mãe D: “Pouca, deveria ser maior”.

Resposta do pai/mãe E: “Fundamental, já que é muito importante para as crianças”.

Resposta do pai/mãe F: “Pouca”

Resposta do pai/mãe G: “Importante, pois assim acompanho o que minha filha está aprendendo”.

Resposta do pai/mãe H: “Não muito, poderia ser maior”.

Resposta do pai/mãe I: “Poderia ser maior, não tenho muito tempo”.

Resposta do pai/mãe J: “Importantíssima, pois percebo se meu filho está aprendendo”.

Resposta do pai/mãe K: “Importante, mais ainda é pouca, poderia ser maior”.

Resposta do pai/mãe L: “Necessária para que eu possa observar o que ele está estudando”

Resposta do pai/mãe M: “Posso ajudar pouco, já que não sei muita coisa, mas sei que é importante”.

Resposta do pai/mãe N: “Muito pouca, já que tenho dificuldade”.

Resposta do pai/mãe O: “Poderia ser maior”

Resposta do pai/mãe P: “Importante, gosto de acompanhar o que eles estão aprendendo”.

Resposta do pai/mãe Q: “Pouco”

Resposta do pai/mãe R: “Boa, já que ajudo no que posso”.

Resposta do pai/mãe S: “Importante”

Resposta do pai/mãe T: “Necessária para ajudar o que as crianças prenderam na creche”

Resposta do pai/mãe U: “Gostaria que fosse maior, estou estudando para poder ajudar mais minha filha”.

Resposta do pai/mãe V: “Pouca, já que sei ler pouco, peço ajuda a outras pessoas para poder ajudar meus filhos”.

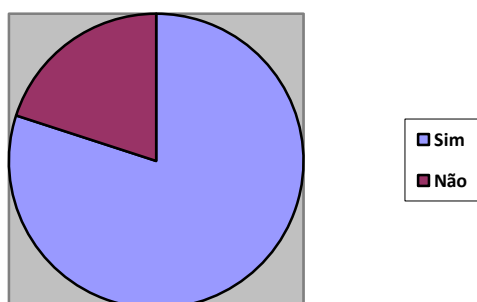
Resposta do pai/mãe W: “Poderia ser maior, acho pouca”.

Resposta do pai/mãe X: “importante e necessária para meus filhos aprenderem o que foi dado na escola”

Resposta do pai/mãe Y: “Gostaria de ajudar mais meu filho, por isso acho pouca”.

Ao analisar as respostas dos pais evidenciou-se que a maioria tem consciência da sua importância na hora de ajudar as crianças, só que muitos ainda possuem dificuldades para desenvolver esse momento do dever de casa ou de qualquer outra forma de ajuda, e alguns até relataram que gostariam de ajudar mais. Para Bhering e Siraj-Blatchford (1999, p. 192) o envolvimento dos pais contribui para diversos fatores fazendo com que a partir da abertura das escolas para os pais “(...) perceba-se uma mudança positiva na atitude para com a escola não só por parte das crianças como também delas mesmas”, nesse caso citado, a família. Quando envolvida com a escola a família consegue alcançar resultados positivos em todos os sentidos, seja na produtividade educacional do ambiente escolar e de seus filhos, seja num contexto maior que envolve toda comunidade.

9. Participa de alguma outra atividade desenvolvida pela escola?



Caso negativo, por quê?

Resposta do pai/mãe A: “Falta de tempo por motivo de trabalho.”.

Resposta do pai/mãe B: “Falta de tempo”

Resposta do pai/mãe C: “Não tenho interesse”

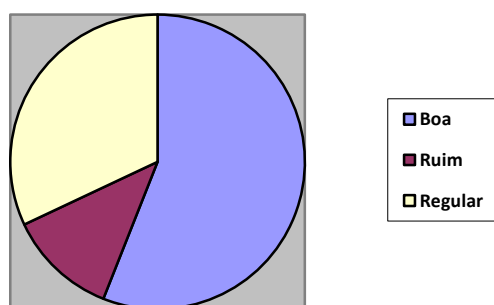
Resposta do pai/mãe D: “Não vejo por parte de a creche ser desenvolvida qualquer atividade diferente de reunião”

Resposta do pai/mãe E: “Não tenho tempo, pois trabalho”.

As atividades desenvolvidas pela escola que vão além das reuniões visam ainda mais o estreitamento entre as famílias e a escola, seja essa do segmento que for, festas em datas comemorativas que aceitem a participação das famílias, eventos voltados a ajudar a própria instituição como quermesses e brejos beneficentes, tudo que seja realizada de uma forma direta e organizada pode envolver a participação das famílias. 80% dos pais relatam que participam das atividades desenvolvidas na creche e se mostram muito satisfeitos com esses momentos de interação. Segundo Castro e Regattieri (2009, p.35) “O espaço da escola é visto como equipamento público a serviço da comunidade cuja utilização deve ser ampliada com a realização de atividades comunitárias (...)”.

Já para 20% um fator que pesa na hora da participação das atividades oferecidas pela creche é a falta de tempo, sendo na sua maioria por motivo de trabalho, esses não conseguem conciliar as suas atividades pessoais com as atividades desenvolvidas na creche, cabe à instituição buscar maneiras como eventos em dias e horas que consiga envolver o máximo de pais possível.

10. O que você acha da relação família-escola na escola do seu (sua) filho (a)?



A relação família-escola deve ser algo prazeroso e satisfatório tanto para pais como para os integrantes do contexto escolar (alunos, professores, equipe técnica, gestão), sendo que na maioria das vezes os pais incumbem a escola de desenvolver métodos para essa aproximação. Chechia e Andrade (2005, 432p.) deixam claro que

com a participação dos pais no ambiente escolar “as crianças evidenciam maior competência para a leitura, diminuindo os riscos de insucesso escolar nesse aspecto.” Na presente pesquisa evidenciou-se o fato de 56% dos pais demonstraram satisfeitos com as possibilidades oferecidas pela creche escola para o envolvimento deles, já 32% consideraram regular, pois acreditam que essa relação acontece de forma não organizada, acabando numa falta de comunicação que só acontece quando é inevitavelmente necessário. Apenas 12% acham ruim, relatando que a instituição não oferece meios para que eles possam ser inseridos no ambiente escolar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor uma relação sobre a Família e Escola, faz necessária a reflexão da visão dos pais sobre essa temática, tendo como intuito responder a questão norteadora colocada no capítulo inicial, sendo o envolvimento dos pais e suas contribuições nessa relação algo favorável na aprendizagem das crianças.

Diante a evolução do contexto familiar pode-se avaliar que as famílias mudaram sua visão sobre a educação, principalmente na educação infantil, e qual papel essas novas configurações familiares trouxeram para uma percepção onde o binômio do cuidar e do educar foram contemplados e valorizados através do tempo.

Pode-se ressaltar ainda que as leis atuais valorização a integração da família, a Constituição e a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais da Educação, entre outras, incentivam e valorizam essa temática, sendo que muitos pais desconhecem seus direitos e deveres e com isso acabam não buscando a escola como uma parceria necessária.

Conforme foram observados nos resultados da pesquisa de campo ficou claro que muitos pais são conscientes da sua importância na participação da educação dos filhos, sendo que os que por algum motivo não conseguem se envolver com as atividades desenvolvidas pela creche ou simplesmente não ajudam no dever de casa alegam que a falta de tempo é uma questão recorrente.

Através da fala de alguns pais fica evidente eles consideram que a escola deve oferecer meios para que eles possam se envolver com o ambiente escolar, com atividades que os possibilitem uma interação entre esses pais e a escola.

As reuniões devem ser um momento que envolva pais, mães ou responsáveis de uma maneira que nenhum desse se sinta constrangidos ou afastados daquele ambiente, a reunião deve ser um momento de interação, de junção de forças para contribuir com o foco maior que é a aprendizagem com qualidade por parte da criança.

Para que a escola seja um ambiente onde a valorização da aprendizagem seja algo significativo é fundamental que a família e a escola mantenham uma relação salutar, onde uma possa ser o apoio da outra e dessa forma possa fazer com que a criança aprenda nesses dois ambientes.

A relação família-escola na Creche Escola Rachel Pedrosa vem sendo estabelecida de maneira sutil, mas regular. Fica claro pela fala dos pais que eles são conscientes da importância que tem no desenvolvimento da aprendizagem de seus filhos e quando são parceiro da escola esse momento pode ser de aprendizagem e de engrandecimento para as duas instituições.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G. B. M. **Família e Escola – Parceria necessária na educação infantil**. Brasília, 2010. 20f. Pós-Graduação, Especialização em Educação Infantil Universidade católica de Brasília, Brasília, 2010.

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978. 280p.

BELLO, J. L. P. **Educação no Brasil: a História das rupturas**. Pedagogia em foco. Rio de Janeiro. 2001. Acessado em: 02 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb14.pdf>>.

BHERING, E. SIRAJ-BLATCHFORD, I. **A relação escola pais: um modelo de colaboração**. Caderno de pesquisa, nº106. p.191-216, março1999. Acessado em: 08 de setembro de 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n106/n106a09.pdf>>.

BRASIL. **Estatuto da criança e do Adolescente**. Lei nº 8069, de julho de 1990.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação**. Lei nº 9424, de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Volume 1 — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação básica. **Política nacional de educação infantil: pelos direitos das crianças de zero a seis anos à educação**. Brasília, MEC/SEB, 2006.

CARVALHO, M. E. P. **Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família–escola**. Revista Brasileira de Educação, nº 25, Jan /Fev /Mar /Abr, 2004. Acessado em: 08 de setembro de 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a08.pdf>>.

CASTRO, M. REGATTIERI, M. **Interação escola-família: subsídios para práticas escolares**. Brasília: UNESCO, MEC, 2009.104 p.

CHECHIA, V. A. ANDRADE, A. S. **O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar**. Estudos de Psicologia. 2005, 10(3), p. 431-440.

COLL, C. MARCHESI, A. PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação**. 2º ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 367p.

CURY, A. **Filhos Brilhantes, Professores Fascinantes**. São Paulo: Editora Planeta, 2007. 151p.

DESSEN, M. A. POLONIA, A. C. **A Família e a Escola como contextos do desenvolvimento humano**. Revista Scielo Paidéia, 17(36), 21-32. Distrito Federal. 2007. Acessado em: 08 de setembro de 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>>.

DESSEN, M. A. POLONIA, A. C. **Em busca da compreensão das relações entre escola e família**. Psicologia Escolar e Educacional. v.9 n^o2, 303-312. 2005. Acessado em: 08 de setembro de 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a12.pdf>>.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 148p.

FREITAS, M. C. **História Social da Infância no Brasil**. 7^o ed. São Paulo: Cortez, 2009. 334p.

GOMES, A. V. A. **Educação Infantil: Porque mais creches?** Biblioteca Digital da Câmaras dos Deputados. 2011. Acessado em: 03 de outubro de 2013. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/estnottec/tema11/2011_7907_E.pdf>.

KRAMER, S. LEITE, M. I. NUMES, M. F. GUIMARÃES, D. **Infância e educação infantil**. 6^o ed. Campinas: Papirus, 1999.

KUHLMAN, JR. M. **Histórias da educação infantil brasileira**: Fundação Carlos Chagas, São Paulo Mai/Jun/Jul/Ago 2000 N^o 14. Acessado em: 03 de outubro de 2013. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a02.pdf>>.

LEITE, E. G. GOMES, H. M. G. **O papel da família e da escola na aprendizagem escolar**. Limoeiro. 2008. Acessado em: 08 de setembro de 2013. Disponível em: <http://www.pe.senac.br/ascom/faculdade/edital/IIEncontro/cd/O_PAPEL_DA_FAMILIA.pdf>.

MANACORDA, M. A. **História da educação**. 13^o ed. São Paulo: Cortez, 2010. 455p.

NOGUEIRA, M. A. **A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas**. Análise social, vol. XL (176), 563-578. 2005. Acessado em: 08 de setembro de 2013. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218710803Y0rTC2qf4Zv28UH0.pdf>>.

OLIVEIRA, D. G. B. B. OLIVEIRA, M. **A importância da creche para a sociedade**. Batatais, 2005. 53f. Monografia – Centro Universitário Claretiano, Batatais, 2005.

PACHOAL, J. D. MACHADO, M. C. G. **A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.33, p.78-95, mar.2009 - ISSN: 1676-2584.

Acessado em: 25 de setembro de 2013. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/33/art05_33.pdf >.

PIAGET, J. **Seis estudos da psicologia**./Jean Piaget; tradução Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. – 24^oed. – Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1999.

PRIORE, M. D. **História das crianças no Brasil**. 7^o ed. São Paulo: Contexto, 2010. 439p.

PRODANOV, C. C. FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2^o ed. Novo Hamburgo. Universidade Feevale. 2013.

REIS, P. C. P. **A RELAÇÃO ENTRE PAIS E PROFESSORES: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso**. Departamento de Didáctica de la Lengua y la Literatura, 2008. 329f. Tese de Doutorado – Universidade de Málaga, 2008.

ROCHA, C. S. MACÊDO, C. R. **Relação Família & Escola**. Belém. 2002. 46f. Monografia – Universidade da Amazônia. Belém, 2002.

ROMANELLI, O. O. **História da educação no Brasil**. 8^o ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1986. 267p.

SOUZA, M. C. B. R. **A concepção de criança para o enfoque histórico-cultural** Marília, 2007. 165f. Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

TIBA, I. **Disciplina, limite na medida certa**. 72^o ed. São Paulo: Editora Gente, 1996. 237p.

TIBA, I. **Quem ama, educa!** 154^o ed. São Paulo: Editora Gente, 2002. 190p.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Anuência da Instituição/Autorização para a Pesquisa

Sra. Diretora Guiomar Evaristo da Silva

Com os nossos cumprimentos iniciais, vimos pelo presente, solicitar de Vossa Senhoria, a autorização para que a discente **JANIERYS LOURENÇO LINS ALBUQUERQUE** do Curso de Licenciatura em Pedagogia, ministrado pela Universidade Federal da Paraíba, possa desenvolver a pesquisa para projeto intitulado: **FAMÍLIA E ESCOLA: O Olhar dos Pais na Relação Escolar**. Para isso, será necessária a vossa colaboração, dando a permissão para que a acadêmica possa coletar dados da Creche Escola Rachel Pedrosa na Rua Marcondes Gadelha, S/N, Lerolândia, Santa Rita - PB. Este trabalho será de importância fundamental para a realização da referida pesquisa e crescimento profissional da acadêmica, através do acompanhamento e do melhoramento da relação entre a instituição e as famílias das crianças que estudam nesse local.

Atenciosamente,

Profª. Karla Lucena de Souza
Orientadora
Universidade Federal da Paraíba

Janierys Lourenço Lins Albuquerque
Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia
Universidade Federal da Paraíba

Santa Rita-PB, ____/____/2013.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Nome da Pesquisa: Relação Família e Escola

Pesquisadora responsável: Janierys Lourenço Lins Albuquerque

Informações sobre a pesquisa: A presente objetivou-se em verificar como se dá a relação família-escola dentro do espaço escolar e qual o impacto no desenvolvimento infantil tendo como foco o entendimento estabelecido pelos pais no município de Santa Rita- PB, especificamente na comunidade de Lerolândia.

Neste contexto é justificada pela necessidade de conhecer como a relação família-escola contribui para o desenvolvimento da aprendizagem da criança na educação infantil, já que essa é a nossa base educacional, sendo obrigatória e indispensável na vida de qualquer criança tendo a visão dos pais como foco principal.

Para tanto será realizado uma pesquisa de campo, onde haverá aplicação de um questionário semiaberto aos pais, com a finalidade de analisar posteriormente através da fala deles qual a relação estabelecida pelos mesmos com a escola e se essa relação é positiva para a criança.

Eu, abaixo assinado, tendo recebido as informações acima, e ciente dos meus direitos abaixo relacionados, concordo em participar da pesquisa, tendo:

- 1 - A garantia de receber todos os esclarecimentos sobre as perguntas da entrevista antes e durante o transcurso da pesquisa, podendo afastar-me em qualquer momento se assim o desejar, bem como está assegurado o absoluto sigilo das informações obtidas.
- 2 - A segurança plena de que não serei identificada mantendo o caráter oficial da informação, assim como, está assegurada que a pesquisa não acarretará nenhum prejuízo individual ou coletivo.
- 3 - A segurança de que não terei nenhum tipo de despesa material ou financeira durante o desenvolvimento da pesquisa, bem como, esta pesquisa não causará nenhum tipo de risco, dano físico ou mesmo constrangimento moral e ético ao entrevistado.
- 4 - A garantia de que toda e qualquer responsabilidade nas diferentes fases da pesquisa é dos pesquisadores, bem como, fica assegurado poderá haver divulgação dos resultados finais em órgãos de divulgação científica em que a mesma seja aceita.
- 5 - A garantia de que todo o material resultante será utilizado exclusivamente para a construção da pesquisa e ficará sob a guarda do pesquisador, podendo ser requisitado pelo entrevistado em qualquer momento.

Diante do exposto, solicitamos o consentimento de sua participação voluntária no referido estudo, por meio da assinatura abaixo.

Santa Rita - PB, ____ de _____ de 2013.

Contato com a pesquisadora responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com a pesquisadora Janierys L. Lins Albuquerque através do Endereço: Rua Jorn. Hélio Fernandes, nº 36 – Lerolândia, Santa Rita-PB CEP: 58304-400

E-mail: janieryslins@hotmail.com Telefone celular: (83) 9153-3530

Atenciosamente,

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Assinaturas

1.
2.
3.
4.

APÊNDICE C – Instrumento de Coleta de Dados



Nome: **Janierys Lourenço Lins Albuquerque**

Matrícula: **90923428** Pólo: **Lucena**

Componente curricular: **Trabalho de Conclusão de Curso**

Professor pesquisador: **Idelsuite de Sousa Lima**

Professor Orientador: **Karla Lucena de Souza**

Questionário para a família

Santa Rita, outubro de 2013,

Prezado Senhor (a),

Sou concluinte do *Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB* e estou realizando uma pesquisa de campo com o objetivo agregar informações aos meus estudos preliminares na área da pedagogia.

Para tanto conto com sua colaboração ao responder este questionário, desde já agradeço,

Atenciosamente,

Janierys Lourenço Lins Albuquerque

Informações

Nome da escola: _____

Série que seu filho estuda: _____

Sua idade: _____

Grau de escolaridade: _____

1. Você participa das reuniões de pais?

() Sim

() Não

2. Para você o que representa a reunião de pais?

3. Você auxilia seu filho nas atividades de casa?

() Sim

() Não

Caso negativo, por quê?

4. Na sua opinião para que serve a tarefa de casa?

5. Qual a frequência que você procurar a escola para saber a situação escolar do seu filho(a)?

() Semanalmente

() Quinzenalmente

() Mensalmente

() Não procura

() Raramente

() Só quando é chamado(a)

6. Quem leva e busca seu filho na escola/creche?

() Você

() Parentes

() Irmãos mais velhos

() Vai sozinho

() Outros. Quem? _____

7. Existe alguma dificuldade para que você possa ajudar seu filho na realização da tarefa escolar?

() Sim

() Não

Caso positivo, por quê?

8. O que você acha da sua ajuda nos estudos do seu filho(a) ? Justifique a resposta:

9. Participa de alguma outra atividade desenvolvida pela escola?

() Sim

() Não

Caso negativo, por quê?

10. O que você acha da relação família-escola na escola do seu(sua) filho(a)?

() Boa

() Ruim

() Regular

Justifique:
